



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**A DESUMANIZAÇÃO DO OUTRO
NA LITERATURA, CINEMA E ARTES PERFORMÁTICAS:
uma análise dialógica entre a obra de Kafka, Blomkamp e Abramović**

**THE DEHUMANIZATION OF THE OTHER
IN LITERATURE, CINEMA AND PERFORMING ARTS:
a dialogical analysis between the work of Kafka, Blomkamp and
Abramović**

**LA HUMANIGO DE LA ALIA
EN LITERATURO, KINEJO KAJ ARTEOJ:
dialoga analizo inter la verko de Kafka, Blomkamp kaj Abramović**

Marcos Giacomassi¹⁶**Resumo:**

O tema da desumanização do outro é recorrente nas diversas expressões artísticas ou midiáticas, especialmente em contextos segregacionistas ou pandêmicos, infelizmente ambos parte do contexto contemporâneo. O objetivo desse artigo é analisar a forma como esse tema é problematizado em três manifestações culturais diferentes: o livro “A metamorfose” (1915), de Franz Kafka; o filme “Distrito 9” (2009), do diretor Neill Blomkamp e a apresentação performática “Ritmo 0” (1974), de Marina Abramović. Apesar de serem expressões artísticas distintas, com espaços de décadas entre suas produções, enfocam o tema da alteridade utilizando-se de situações extremas - o que torna a crítica social ainda mais pungente. Dessa forma, as três obras denunciam o processo de desumanização por que passam seus respectivos personagens que são, eventualmente, privados daqueles aspectos que o filósofo Tzvetan Todorov elenca como marcas específicas de humanidade: roupas, comida, nome, capacidade de comunicação, vontade própria e contato social. Em maior ou menor grau, as obras que compõem esta análise exploram tais características, promovendo a reflexão sobre nossas condutas com relação ao outro quando somos colocados diante de situações extremas.

Palavras-chave: Alteridade. Desumanização. Franz Kafka. Neill Blomkamp. Marina Abramović.

Abstract:

The theme of the dehumanization of the other is recurrent in different artistic or media expressions, especially in segregationist or pandemic contexts, unfortunately both part

¹⁶ Acadêmico do curso de Letras Português e Inglês da Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Técnico em Informática pelo Instituto Federal do Paraná. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5876-3460>. E-mail: marcosgiacomassi@yahoo.com.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

of the contemporary context. The purpose of this article is to analyze how this theme is problematized in three different cultural manifestations: “The metamorphosis” (1915), by Franz Kafka; the film “Distrito 9” (2009), by director Neill Blomkamp and the performance presentation “Ritmo 0” (1974), by Marina Abramović. Despite being distinct artistic expressions, with decades of space between their productions, they all focus on the theme of otherness using extreme situations - which makes social criticism even more poignant. In this way, the three works denounce the process of dehumanization that their respective characters go through who are eventually deprived of those aspects that the philosopher Tzvetan Todorov lists as specific marks of humanity: clothes, food, name, communication skills, self-will and social contact. To a greater or lesser extent, the works that make up this analysis explore these characteristics, promoting reflection on our behavior towards the other when we are faced with extreme situations.

Keywords: Alterity. Dehumanization. Franz Kafka. Neill Blomkamp. Marina Abramović.

Resumo

La temo de la malhomigo de la alia estas ripetiĝanta en diversaj artaj aŭ amaskomunikilaj esprimoj, precipe en apartigaj aŭ pandemiaj kunteksto, bedaŭrinde ambaŭ partoj de la nuntempa kunteksto. La celo de ĉi tiu artikolo estas analizi kiel ĉi tiu temo estas problemigita en tri malsamaj kulturaj manifestiĝoj: la libro "A metamorfose" (1915), de Franz Kafka; la filmo "Distrito 9" (2009), de reĝisoro Neill Blomkamp kaj la prezentado "Ritmo 0" (1974), de Marina Abramović. Malgraŭ esti apartaj artaj esprimoj, kun spacoj de jardekoj inter iliaj produktadoj, ili fokusiĝas al la temo de altereco uzante ekstremajn situaciojn - kio igas socian kritikon eĉ pli akra. Tiel la tri verkoj denuncas la malhomigan procezon, kiun travivas iliaj respektivaj roluloj, kiuj fine estas senigitaj de tiuj aspektoj, kiujn la filozofo Tzvetan Todorov listigas kiel specifajn signojn de la homaro: vestaĵoj, manĝaĵoj, nomo, kapablo komuniki, libera volo kaj socia kontakto. Malpli aŭ malpli, la verkoj, kiuj konsistigas ĉi tiun analizon, esploras ĉi tiujn trajtojn, antaŭenigante reflektadon pri nia konduto al aliaj, kiam ni estas antaŭ ekstremaj situacioj.

Ŝlosilvortoj: Aleco. Malhomigo. Franz Kafka. Neill Blomkamp. Marina Abramović.

Introdução

A análise do livro “A metamorfose” (1915), de Franz Kafka, do filme “Distrito 9” (2009), do diretor Neill Blomkamp e da apresentação performática “Ritmo 0” (1974), de Marina Abramović são diferentes formas de expressão artística que abordam um tema em comum: a desumanização do outro. Cada obra trata do assunto com as ferramentas específicas das mídias pelas quais são veiculadas. No livro de Kafka, por exemplo, é a insólita criatura que aparece metamorfoseada no início da história que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

choca o leitor ao apresentar, sem maiores explicações, alguém desoladoramente destituído de sua humanidade. Na obra cinematográfica de Blomkamp, o choque no telespectador ocorre por meio dos integrantes de uma nave alienígena, os quais são forçados a se instalar em uma zona insalubre da cidade de Joanesburgo. Já na performance de Abramović, a artista expressa o processo de desumanização através de seu próprio corpo, sofrendo literalmente em sua pele as consequências de tal feito. Várias são as maneiras pelas quais as pessoas podem ser privadas de sua humanidade. Em “Diante do extremo”, Tzvetan Todorov (2017) analisa esse aspecto no contexto dos campos de concentração em que os prisioneiros sofriam diversas formas de despersonalização, via de regra relacionadas à privação de algo: roupas, comida, nome, capacidade de comunicação, vontade própria e contato social. Em maior ou menor grau, as três obras que compõem esta análise exploram tais características.

“A metamorfose” narra a história da família Samsa que inesperadamente vê um dos seus membros transformado em um gigantesco inseto. Gregor Samsa é um caixeiro-viajante cuja rotina era muito fatigante. Ele não gostava de seu emprego e tinha um chefe intransigente. Não podia, porém, nem pensar em pedir demissão, uma vez que era fonte de sustento da família. Além disso, havia assumido o compromisso de quitar uma dívida de seus pais. “Distrito 9” é um filme de 2009 cujo enredo gira em torno de uma situação em que os habitantes da terra, mais especificamente os moradores de Joanesburgo, se vêem forçados a abrigar uma comunidade alienígena. Isso ocorre porque uma nave havia pairado sobre a cidade na África do Sul e os *aliens* que se encontravam no seu interior, em fuga de seu planeta em vias de destruição, estavam muito debilitados. Dessa forma, presos na terra e sem ter como voltar para casa, tiveram que ser realocados no chamado Distrito 9. Passam a morar em barracos, em um ambiente degradante, onde a briga por comida é algo corriqueiro. Além disso, vivem à mercê de gangues sendo chamados pejorativamente de crustáceos porque se alimentavam de restos. Finalmente, “Ritmo 0” foi uma performance artística de Marina Abramović que aconteceu em 1974 em um pequeno estúdio de Nápoles. Abramović entende o corpo como um espaço para exploração artística, mesmo que a prática comprometa a sua saúde. É o que de fato aconteceu nessa apresentação, em que a artista ficou imóvel por



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cerca de seis horas, próxima a uma mesa com 72 objetos diversos, como: perfume, comida, tesouras, lâminas e até uma arma carregada. O público poderia fazer o que quisesse com ela dentro do período proposto. No começo, as pessoas ficaram sem reação, mas, com o tempo, a timidez foi se desfazendo e começaram a feri-la: cortaram sua camisa, espetaram o seu peito com espinhos de rosas e uma arma carregada foi apontada contra a sua cabeça.

Dessa forma, as três obras são emblemáticas no sentido de expressar o tema da desumanização do outro, aquele que é (ou se tornou) diferente de mim e que, portanto, passa a ser visto não mais como uma pessoa, mas como uma coisa ou animal. No extremo, esse outro será encarado como “algo” que precisa ser eliminado. De fato, duas das obras trazem como personagens animais que causam repulsa tanto nos outros personagens como no leitor e espectador, os quais sentem dificuldade de sentir empatia por eles. No caso da obra de Kafka, o leitor não presencia o processo da metamorfose do personagem principal, uma vez que a história já começa pelo clímax: “Uma manhã, quando Gregor Samsa acordava de sonhos ansiosos, descobriu que, em sua cama, havia se transformado em um monstruoso inseto verminoso” (KAFKA, 2017, p. 7). Essa escolha formal deixa a crítica de Kafka mais contundente, pois a ênfase da narrativa não será nos processos ou nos motivos da súbita transformação de Gregor, mas no impacto que esse fato terá sobre o tratamento que passará a receber dos “outros” a partir dessa nova condição. Da mesma forma, esse impacto confere à obra um viés onírico, pois parece que adentramos o universo do pesadelo do qual Gregor repentinamente torna-se refém.

Inicialmente Gregor ainda é tratado como um membro da família. Entretanto, vemos que aos poucos ele perde até mesmo os últimos resquícios de humanização que lhe restam. Com a falta de dinheiro, já que o provedor não poderia mais trabalhar, a família decide alugar um dos quartos. Em uma noite, tanto a família como os novos inquilinos estavam ouvindo a irmã de Gregor, Grete, tocar violino. Gregor, que aprendera a viver isolado em seu quarto, sente-se atraído pela música e vai para a sala de estar. Assustados ao avistarem a criatura, os inquilinos ameaçam processá-los, porque a presença de um “animal” como aquele, naquele lugar era inconcebível. A



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

família, então, decide que é necessário livrar-se desse fardo. Eventualmente Gregor morre de fome, em decorrência da inanição e do agravamento de uma ferida nas costas provocada pelo pai. Com isso, fica claro que toda a sua humanidade tinha ido embora, assim como observado pela sua própria irmã: “olhem como ele estava magro. Ficou tanto tempo sem comer nada. As refeições que entravam aqui, saíam exatamente do mesmo jeito. – Na verdade, o corpo de Gregor estava completamente achatado e ressecado” (KAKFA, 2017, p. 75).

Mesmo antes de sua morte, o processo de desumanização de Gregor já havia se instalado. Essa mudança ocorre tanto nele como na família, a qual, a certa altura decide tirar a mobília de seu quarto com o argumento de que assim ele poderia se locomover melhor. Isso de fato acontece, mas também causa uma sensação de alijamento em Gregor, que entende ser um peso morto para a família. Apesar de sua forma animalizada e de não conseguir se comunicar, ele ainda entende o que os outros falam e tem sentimentos humanos. É por isso que o impacto da retirada da mobília é ambivalente na alma de Gregor. Ao mesmo tempo que terá mais liberdade para se movimentar, ele sente que muito de sua humanidade está sendo retirada dele com esse ato:

[...] estava tão ansioso para que esvaziassem seu quarto. Estaria ele mesmo ávido para que seu quarto aconchegante, decorado com móveis que havia herdado, fosse transformado em uma caverna na qual ele poderia, é claro, rastejar em todas as direções sem ser perturbado, mas também, ao mesmo tempo, com um rápido e completo esquecimento de seu passado humano? (KAFKA, 2017, p. 47).

Com a retirada dos móveis, Gregor se sentiu abandonado e sem esperanças, pois percebeu que sua família não via mais a possibilidade da reversão de seu estado, assim como sua própria mãe conclui: “não é fato que, tirando a mobília, estamos mostrando que não temos mais qualquer esperança de melhora e o estamos deixando para se virar sozinho, sem qualquer consideração?” (KAFKA, 2017, p. 46). Realmente, as considerações da Sra. Samsa faziam sentido, a começar pela sensação que isso provocou em Gregor uma vez que “a visão das paredes vazias partiu seu coração” e ele teve a convicção que “se sentiria abandonado em um quarto vazio?” (KAFKA, 2017, p. 46).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Interessante que mesmo nessas condições, apesar de ficar mais confortável um quarto sem móveis ele fica desolado com essa ação: “[...] não conseguiria aguentar tudo aquilo por muito mais tempo. Elas estavam esvaziando seu quarto, tirando dele tudo o que lhe era caro” (KAFKA, 2017, p. 49). Essa é certamente a razão porque ele impede que Grete tire um quadro da parede. É um último resquício de humanidade a que ele tenta se apegar.

Em “Distrito 9”, a situação que a princípio parecia controlada, acaba ficando insustentável quando há um aumento expressivo da população alienígena na área reservada a eles. Os humanos começam a se incomodar com sua presença e isso leva as autoridades a implementar uma ação coletiva de despejo: uma evacuação em massa e compulsória. Esse processo todo é levado a cabo pela MNU, Multinações Unidas, que visava não ao seu bem-estar, mas tirá-los de vista e apoderar-se de suas potentes armas. Ao longo da ação, Wikus van Der Werme, o principal agente encarregado da operação, sofre uma espécie de contaminação e começa ele mesmo a ser metamorfoseado. Irá inexoravelmente assumir a mesma forma corpórea dos extraterrestres. O processo é irreversível com os recursos disponíveis para a ciência humana. O governo, então, transforma Wikus, antes um útil agente da MNU, em objeto de estudo, pois só os *aliens* podiam usar as próprias armas, por conta de sua compleição fisiológica. Ou seja, “[d]e opressor junto aos residentes extraterrestres, ele passa a oprimido, perseguido pelas forças da MNU que querem mantê-lo sob custódia para maiores estudos, preso em seus laboratórios” (RIBEIRO, 2012, p. 82). Não lhe resta alternativa a não ser fugir, ele também, para o Distrito 9, onde vai ao encontro do *alien* Christopher Johnson, o qual ajuda Wikus a recuperar um líquido que poderia reverter a sua metamorfose. Só que para isso, ambos têm que voltar aos laboratórios da MNU e é nesse momento que podem presenciar os terríveis atos que aconteciam ali:

O líquido é recuperado não sem antes o próprio Christopher presenciar as atrocidades cometidas aos seus semelhantes nos laboratórios da MNU. Corpos de extraterrestres desmembrados e submetidos a toda sorte de experimentos, de fazer inveja a Joseph Mengele, o médico nazista. (RIBEIRO, 2012, p. 84)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O diretor do filme, Neill Blomkamp, nasceu em 1979, na África do Sul. Presenciou o regime do *apartheid* e todas as barbáries decorrentes dele. Obviamente, o filme é uma crítica a essa terrível situação em seu país. Os *aliens* são os “outros” indesejáveis e que precisavam ser eliminados como eram os negros durante o regime de segregação racial implementado no país em 1948. De forma mais pontual, o filme faz uma clara alusão ao Distrito 6, um bairro que realmente existe na Cidade do Cabo, capital do país, que em 1966 foi decretada como Área Branca. Dois anos depois, a população negra foi arrancada de casa e realocada na periferia da cidade.

Mais uma referência histórica apropriada pelo longa é que, de acordo com relatos, foi preciso evacuar o Distrito 6 por ser muito violento. A alegação era de que as pessoas pobres que lá moravam praticavam atos imorais. Entretanto, de acordo com relatos de moradores locais, a proximidade com a *Table Mountain*, o Centro da Cidade e o Porto, era o que, de fato, incomodava aos brancos. No filme, a presença dos seres alienígenas em Joanesburgo incomodava muito as pessoas, que acabaram pleiteando a sua expulsão. Comentando sobre como essa situação é referenciada no filme, Ribeiro (2012, p. 91) conclui que:

[...] não há justificativa plausível para o ataque que foi sendo reiteradamente feito aos alienígenas. São criaturas vulneráveis, não haviam oferecido ameaça. É interessante notar como os alienígenas foram subjugados por aqueles que já haviam sofrido o julgo de outros e vivem como os extraterrestres, à margem da sociedade, representados pelos bandidos que viviam no Distrito Nove explorando os “camarões” em troca de ração. Não há condescendência para com os alienígenas. Não há solidariedade à vista.

Com relação à última obra analisada, “Ritmo 0”, esta foi concebida por Marina Abramović, uma artista performática, que nasceu em 1946, na Iugoslávia e iniciou sua carreira nos anos 70. Os seus pais eram comunistas e lutaram na Segunda Guerra Mundial. A influência de sua família enquanto era criança certamente levou ao desenvolvimento do tipo de arte que concebe:

Minha infância foi difícil, muito controlada. Um exemplo: minha mãe ia ao meu quarto, para ver se minha cama estava bagunçada, enquanto



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

eu estava dormindo. E me acordava para arrumar se estivesse. [...] Como eu digo: “Quanto pior sua infância, melhor sua arte”. (apud DOURADO, 2016, n.p.)

Suas performances são, via de regra, bem desafiadoras para o público. Mas isso justificaria a reação “cruel” com relação a “Ritmo 0”? O filósofo Renato Janine Ribeiro descreve a reação do público como emblemática do ser humano. Os participantes, inicialmente hesitantes, começaram a infligir sofrimento à artista. “A satisfação, o gozo maior deles não está naquilo que seria, digamos, uma aproximação afetiva, mas naquilo que é quase uma ameaça” (apud DOURADO, 2016, n.p.). A própria Marina Abramović tirou uma conclusão pessimista com relação à interação com as pessoas após essa experiência:

O que eu aprendi é que se você deixar nas mãos do público, eles podem te matar. Eu me senti realmente violada. Cortaram minhas roupas, enfiaram espinhos de rosa na minha barriga, uma pessoa apontou uma arma para minha cabeça e outra a retirou. Isso criou uma atmosfera agressiva. Depois de exatamente 6 horas, como eu tinha planejado, me levantei e comecei a caminhar em direção ao público. Todos fugiram para escapar de uma confrontação presente. (apud DOURADO, 2016, n.p.)

Curioso como as pessoas, antes tão hostis, fogem desse contato frontal da artista. Aliás, essa é outra característica mencionada por Todorov como imanente daquilo que é humano. Ou seja, sob uma ética totalitária, visando à despersonalização do outro, faz-se de tudo para evitar o contato visual. Segundo o filósofo, “[s]omente um ser individual pode olhar-nos [...]; fugindo de seu olhar podemos mais facilmente ignorar sua pessoa” (TODOROV, 2017, p. 264). É possível atestar situação semelhante na obra de Kafka, quando percebemos que Grete faz de tudo para que sua mãe não veja Gregor. Ela mesma, a única que entrava no quarto do irmão para trazer-lhe comida, ficou completamente descompensada quando, em uma ocasião, “seu olhar cruzou com o de Gregor, na parede. Manteve a compostura só por causa da presença de sua mãe. Virou o rosto em direção ao da mãe, para impedi-la de olhar em sua volta [...]” (KAFKA, 2017, p. 49-50). Olhar para ele seria como encará-lo novamente como seu irmão e não como um animal incômodo e nauseante.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O fato de o público ter também ousado cortar as roupas de Marina demonstra que já não a tratavam com o respeito devido a um ser humano. Nesse sentido, mais uma vez Todorov apontará circunstâncias em que é possível tratar uma pessoa como uma não-pessoa por privar-lhe de suas vestimentas. “As roupas”, pontua o autor, “são uma marca de humanidade”, portanto, ao rasgarem suas vestes, há uma tentativa de despersonalização agressiva contra a artista. Interessante notar que em “Distrito 9”, Christopher aparece usando algumas roupas, além de outros *aliens* que vestem peças esfarrapadas e lenços na cabeça. Nesse caso, o processo inverso estaria em curso: a sua antropomorfização - especialmente a de Chris, com quem o espectador inevitavelmente se identifica por suas virtudes e ações solidárias.

Nas três obras, a questão da incomunicabilidade também é exposta. Todorov (2017, p. 261) afirma que “privado da fala, o ser perde grande parte de sua humanidade.” De fato, grande parte daquilo que consideramos humano está atrelado à capacidade de nos comunicarmos com os outros. Esse aspecto é abordado nas três obras analisadas. Gregor, por exemplo, continua tendo pensamentos e sentimentos, mas não consegue mais expressá-los assim que sofre a metamorfose: “Esforçou-se para enunciar cuidadosamente e inserir longas pausas entre as palavras individuais, para remover qualquer coisa notável de sua voz.” (KAFKA, 2017, p. 11). Porém, seu esforço demonstrou ser inútil. Sua mãe, desoladamente, atesta a mudança: “Já o ouviu falar? [...] Era voz de um animal” (KAFKA, 2017, p. 20). Mais para frente no enredo Grete chega à terrível conclusão de que ele havia perdido completamente a capacidade de se comunicar e “estava convencida de que não compreendia suas palavras” (KAFKA, 2017, p. 46). Igualmente os *aliens* de “Distrito 9” não conseguem se comunicar com os humanos. O personagem principal também começa a falar como os outros *aliens* e não como os humanos à medida que passa por seu processo de transformação. Da mesma forma que Gregor, Wikus entende o que as pessoas falam, mas não consegue reproduzir nem se expressar inteligivelmente. Já em “Ritmo 0”, o silêncio voluntário de Marina Abramović em sua performance certamente está entre os motivos que permitiram a sua despersonalização pelo público.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O domínio sobre o outro parece, portanto, algo inerente às relações humanas, como fica evidente a partir da performance de Abramović, quando as pessoas que ali estavam poderiam muito bem perfumá-la, entre outras coisas que causariam uma sensação de bem-estar na artista. Entretanto, optaram pelos objetos que lhe causaram dor e sensação de incômodo. Já com relação a Gregor, este se sente como um inimigo da família, por conta do tratamento que ela despendia a ele. Começa, portanto, a pensar que cuidar dele era um fardo. Ele analisa que eles deveriam tratá-lo como “um membro da família, algo que não deveria ser tratado como um inimigo e que era, pelo contrário uma exigência do dever familiar suprimir sua aversão e aguentar – nada mais, só aguentar” (KAFKA, 2017, p. 57). Triste a situação de Gregor que se vê como antagonista de sua família. Transformar o outro em inimigo, aliás, é uma das características da despersonalização elencadas por Todorov: “É mais fácil de tratar de maneira desumana os ‘inimigos do povo’” (TODOROV, 2017, p. 264). E em se tratando de uma coletividade que é colocada como algo a se combater, a situação fica ainda mais complexa. O historiador alemão Peter Gay afirma que “[n]ada parece mais natural do que a facilidade com que os seres humanos afirmam sua superioridade sobre um Outro coletivo” (2001, p. 76). A situação representada em “Distrito 9” expressa bem a análise de que “[a]través dos séculos, os políticos vêm explorando esse traço humano. Sabendo que o ódio pode ser cultivado com um propósito, eles constroem inimigos para promover a concórdia interna” (GAY, 2001, p. 76). Assim pode ser entendido um regime como o *apartheid*, em que a população branca - esta, de fato, a alienígena que invadiu um lugar que não era seu - projetava nos negros a fonte de “todos” os seus problemas.

Quando as pessoas são tratadas pela sua utilidade e não pelo que realmente são, o processo de personalização começa a se instaurar. Gregor já era tratado dessa forma mesmo antes de sua mudança física - tanto que já se sentia aprisionado: “Quando houver juntando dinheiro para pagar as dívidas dos pais [...], [e]ntão serei livre” (KAFKA, 2017, p. 9). Ao final do livro, vemos que Gregor é simplesmente descartado pela família. Ironicamente, ele percebe a mudança de atitude de seus pais com relação à



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

irmã assim que ela começa a ter mais funções em casa. Ao que parece, Grete também “valia” pela sua utilidade:

Nas primeiras duas semanas, seus pais não tiveram coragem de visitá-lo, e ele frequentemente ouviu como eles apreciavam o trabalho que sua irmã estava fazendo, enquanto que, anteriormente, eles costumavam ficar irritados com ela, pois a consideram uma moça um tanto quanto inútil (KAFKA, 2017, p. 44).

No filme de Blomkamp, Wikus é igualmente descartado quando não tem mais utilidade para a MNU. De início, era muito importante para a organização. Entretanto, quando a sua mutação começa, o governo parou de olhá-lo como um humano e sim como um objeto de estudo, não se importando com seu estado físico e psicológico. É interessante que o próprio Wikus achava Christopher um inútil, um embuste. Entretanto, no decorrer da história, devido ao seu processo de transformação, ele também experiencia mudanças em seu modo de compreender os *aliens*, especialmente Chris. Ironicamente, à medida que Wikus vai se animalizando, ele vai desenvolvendo o seu lado mais humano. Essa empatia que Chris acaba granjeando tanto de Wikus como do espectador, não acontece no caso de Gregor uma vez que:

[s]omos impelidos pela atmosfera incomum da situação a não sentir empatia quase alguma pelo herói de “A metamorfose”, a não ser por uma parte que ainda permanece humana, seus sentimentos. Portanto, o personagem, por ter encerrado em si a base da dimensão crítica da obra, é a categoria formal desta novela kafkiana que merece ser priorizada (CRUZ, 2014, p. 46).

Gregor já é apresentado ao leitor sem suas características humanas e sabe que sua condição é repugnante aos olhos do outros. Ele demonstra a ciência disso quando afirma, referindo-se a Grete, que “percebeu que sua aparência ainda era constantemente intolerável para ela” e por essa razão “agora estava completamente escondido da sua irmã” (KAFKA, 2017, p. 43). Ele chega à triste conclusão de que ninguém conseguia olhar para ele sem sentir uma repulsa, e sabendo disso, se distancia de sua família, mesmo que isso não lhe faça bem, uma vez que “Gregor não obtinha nenhum prazer em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se isolar tão completamente” (KAFKA, 2017, p. 43). Na mesma linha, os alienígenas de “Distrito 9” já aparecem para nós como insetos ou crustáceos gigantes, causando no espectador talvez o mesmo tipo de asco ou aversão. Ou seja, somos levados a não nos identificar com esses personagens. No caso do filme, em particular, há um objetivo ideológico por trás dessa escolha. A ideia de caracterizar os seres extraterrestres de forma que o espectador não sinta qualquer afeição por eles, mas sim repugnância e aversão, permite uma identificação com as pessoas do filme que querem esses seres longe. O filme leva à reflexão sobre empatia e solidariedade com aqueles que são diferentes.

Outro aspecto básico que resguarda as pessoas em sua humanidade é o seu nome. Retirando-se isso delas, obviamente, sua humanidade é esvaziada. O nome, menciona Todorov, “[...] é a primeira marca de um indivíduo” (TODOROV, 2017, p. 263), portanto privar alguém dele é uma marca de delimitação entre o humano e o animal, ou o humano e uma “coisa”, um objeto. A irmã de Gregor parece ciente disso quando comenta ao seus pais: “Talvez não compreendam, mas eu sim. Não pronunciarei o nome do meu irmão na frente deste monstro, então devo apenas dizer que devemos tentar nos livrar dele” (KAFKA, 2017, p. 70). Até mesmo a forma como ela passa a se referir a Gregor mostra a “evolução” em seu tratamento como “algo” e não mais “alguém”: “Devemos tentar nos livrar disso... Quando se tem que trabalhar tanto como nós, não se pode tolerar este tormento sem fim em casa... se ao menos ele nos compreendesse.” (KAFKA, 2017, p. 71). Gregor só era um membro da família enquanto era útil, mas quando começa a se tornar um peso, eles cogitam a ideia de se livrar dele. Com relação ao fato de privar alguém de seu nome, um movimento contrário acontece em “Distrito 9”, em que se dá nome e sobrenome a um dos personagens alienígenas que tem muita importância no enredo: Christopher Johnson. Além dessa marca de humanidade, ele possui um vínculo de paternidade que causa empatia no público, o qual fica muito apreensivo diante da possibilidade da separação dele e seu filho durante a trama.

Tanto no filme como no livro a arte é apresentada como algo que distingue homem dos animais, servindo como um resquício de humanidade. Em outras palavras a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

apreciação artística seria uma âncora de humanização. Na obra de Kafka, como vimos, Gregor aprecia a música que a irmã toca e isso lhe dá alguma esperança: “Seria ele um animal, se a música o afetava tanto? Para ele, era como se o caminho para a nutrição desconhecida pela qual tanto ansiava estivesse se revelando.” (KAFKA, 2017, p. 68). Além disso, Gregor praticava a arte do entalhe antes de sofrer a metamorfose. Sua mãe comenta sobre isso ao gerente que viera verificar o motivo da ausência de Gregor no trabalho: “É uma ótima diversão para ele se ocupar com entalhe de madeira. Por exemplo, ele entalhou uma pequena moldura em duas ou três noites. Você ficaria surpreso com a beleza dela. Está pendurada dentro do quarto” (KAFKA, 2017. p. 16). Também o personagem principal do Distrito 9 é caracterizado como possuindo uma alma sensível que aprecia as artes manuais. No filme vemos que Wikus antes de se transformar, fazia pequenas peças de artesanato para sua esposa e mesmo tendo se tornando um *alien*, ele não perdeu essa habilidade. Ao contrário de Gregor, Wikus sobrevive. Ele aparece na última cena do filme fazendo uma flor de metal com material retirado do lixo. Há, dessa forma, abertamente uma mensagem de esperança e restauração da humanidade.

Considerações Finais

Situações extremas podem levar as pessoas a mostrar o melhor ou o pior de si. A adversidade atua de forma diferente sobre as pessoas dependendo dos ideais e princípios morais de cada um. Nesse sentido, Todorov conclui que o sofrimento “é ambivalente: melhora alguns e degrada outros, e nem todos os padecimentos são iguais entre si” (2017, p. 65). As obras discutidas nesta análise trazem essas questões para reflexão justamente por expor a falta de empatia por aqueles que são “diferentes de mim”. Ao “outro” é possível impor a privação dos principais aspectos que lhe conferem humanidade. As pessoas que não se enquadram em um determinado padrão pré-estabelecido podem ser facilmente segregadas de um grupo social tornando-se alvo de indiferença ou mesmo de atos violentos.

Tanto em “A metamorfose” quanto em “Distrito 9”, os ex-humanos metamorfoseados, Gregor e Wikus, foram excluídos não só da sociedade em geral, mas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

também de sua família, que supostamente deveria assegurar-lhe proteção e respeito em tempos difíceis. Apesar de ambos ainda preservarem algumas características humanas, como a sensibilidade artística, eles são de fato despersonalizados. Até o fim, os dois têm consciência e sentimentos dentro dos corpos não mais humanos. Isso torna sua dor ainda mais pungente já que percebem que estão sendo alijados do convívio social até pelos mais próximos. Já no caso da performance “Ritmo 0”, ironicamente, é por intermédio da sua expressão performática que a humanidade da artista Ihe é roubada, uma vez que as pessoas se sentem no direito de tratá-la como uma coisa, um animal, somente pelo fato de não demonstrar nenhuma reação ao comportamento abusivo por parte da plateia. A arte, nesse caso, parece ter funcionado como catalizador para atos violentos em vez de servir como vínculo com o melhor que a humanidade pode produzir. O livro, o longa e a performance, portanto, trazem à baila, assuntos muito pertinentes em épocas sombrias em que a falta de empatia impera - o que leva, conseqüentemente, a um constante, mas nem sempre consciente, processo de desumanização do outro.

Referências

CRUZ, Cyntia Leandro da. **Três vezes Gregor Samsa: a câmera, o gesto e o monstro**. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.posciencialit.lettras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/2014/Disserta%C3%A7%C3%A3o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Cyntia%20Leandro%20da%20Cruz.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

DISTRICT 9. Direção: Neill Blomkamp. Joanesburgo: Qed International, 2009. (110 min.), sonoro, legenda, color.

DOURADO, Flávia. **As múltiplas facetas da arte performativa de Marina Abramovic**. São Paulo: Iea Usp, 2016. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/marina-abramovic>. Acesso em: 12 mar. 2021.

GAY, Peter. **O Cultivo do Ódio: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. 3. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2001.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. São Paulo: Pé da Letra, 2017.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

TODOROV, Tzvetan. **Diante do extremo**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

RIBEIRO, Márcio Almeida. **A estética do documentário cinematográfico no cinema contemporâneo de ficção científica: um olhar sobre o filme “Distrito 9”, de Neill Blomkamp**. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/1861/1/Marcio%20Almeida%20Ribeiro.pdf> f. Acesso em: 30 abr. 2021.

Recebido em: 04/05/2021

Aprovado em: 30/06/2021

Publicado em: 22/07/2021